

## EDUCAÇÃO E HISTÓRIA DE VIDA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NO BRASIL

Maria da Conceição dos Reis  
UFPE  
cecareis@hotmail.com

### Introdução

Como se constrói a identidade negra e qual a contribuição da educação brasileira neste processo? Esta é a questão que motivou a pesquisa sobre como homens e mulheres que se auto-declaram negros(as), conseguiram tornar-se doutores (as) numa sociedade excludente que marginaliza as pessoas não brancas; como construíram sua identidade negra e qual o percurso erguido pela educação para essa construção.

Na educação escolar, encontramos respaldos legais na Lei 10.639/2003 que obriga os estabelecimentos públicos e particulares de ensino Fundamental e Médio, a inserir no seu currículo, os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira. O que é louvável, considerando que a sociedade brasileira é constituída por uma diversidade étnica e cultural. Mas, no entanto, as práticas educacionais têm optado por escolhas hegemônicas e negadoras das diversidades de identidades e culturas presentes no país. Mesmo diante da legislação, ainda são insignificantes as experiências que enfatizam a construção da identidade negra no processo educacional brasileiro.

Diante das desigualdades sociais e econômicas que temos no Brasil, é fato que a vida das pessoas negras continua inferiorizada. Basta ver Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil entre os anos de 2007-2008, publicado por Paixão e Carvano (2008).

Portanto, para que os direitos sociais se façam presentes na vida das pessoas negras do Brasil, é preciso se fortalecer, se unir, ser coeso para retomar a dignidade prejudicada. Pois, deixa marcas o preconceito que uma pessoa sofre por ser negra. Durante muito tempo em sua vida, esta pessoa escuta que faz parte de um grupo inferiorizado socialmente e que é marginalizada por isto. O que revela uma constante desvalorização referente a sua cor/grupo. Fato, que pode influenciar diretamente na construção de sua identidade e de sua auto-aceitação.

É sabido que o processo educacional brasileiro, ao longo de sua história, mostra que é excludente. Basta identificar que para chegar a um nível de escolarização mais elevado, como o doutorado, há grandes dificuldades que impedem várias pessoas de ter este acesso ou mesmo sonhar com esta possibilidade. De acordo com a Coordenação de

2

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, o Brasil forma dez mil doutores por ano. Cunha (2003) identificou, entre esses doutores, que menos de 1% são negros. Se considerarmos o número de pessoas residentes no Brasil, de acordo com o relatório citado acima, em que 49,7% de pessoas se declaram brancas e 49,5% se declaram pretas e pardas, isto pode estar revelando uma intensa tensão social e educacional.

Diante destas informações, é possível constatar que o acesso ao curso de doutorado no Brasil também tem cor. A nossa opção em escolher como sujeitos desta pesquisa, doutores (as) negros (as), é devido ao fato dessas pessoas enfrentarem várias dificuldades encontradas pela vida e, mesmo assim, conseguirem diminuir a disparidade no acesso à educação. Buscamos revelar, através da abordagem teórica de Norbert Elias e pelos caminhos metodológicos da história oral, como esses sujeitos, que hoje ocupam *status quo* importante na sociedade brasileira, referem-se à educação como elementos importantes nas suas auto-definições relacionadas com a sua etnia.

A hipótese de nosso estudo é que o ambiente educacional escolar não se apresenta enquanto uma das configurações sociais de construção da identidade negra, mas que, a construção desta identidade está atrelada ao grupo de pertencimento em que estas pessoas se encontram, nas diversas relações conflituosas ou harmoniosas. Nesse sentido, arriscamos dizer que as histórias e as memórias que marcam a vida das pessoas estão fora do contexto da educação básica. Este tipo de educação da maneira como está organizado, não consegue ajudar na construção da identidade das pessoas que, em muitas vezes, depositam nela a confiança de que sua formação a levará a uma possível ascensão social.

A nossa pressuposição é que há uma significativa relação entre o processo educacional e a construção da identidade do negro e da negra, quando estas categorias são desenvolvidas/apresentadas como fundamentais na construção do ser. Sendo assim, as experiências obtidas pelos sujeitos doutores e doutoras ao longo de seu processo educacional (não só), contribuem para asseveração de sua identidade no contexto da sociedade brasileira.

Assim, este estudo destaca a identificação dos aspectos que possam, enquanto objetivos complementares, contribuir com a construção da identidade negra; provocar o repensar das práticas educacionais e sociais que compõem ou atrapalham esta construção e ainda, contribuir com a qualificação de nossa prática docente e com a prática de outros

educadores que venham a se interessar por esta temática.

## 1. Ao Encontro da Memória e da História

*Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém que se perde numa floresta, requer instrução.*  
Walter Benjamin

Como Walter Benjamin (1994), buscamos, neste percurso, nos perder nos registros de memórias e histórias de vida. Caminhamos em busca de indícios que possam revelar as intenções e ações narradas. Orientando-se e perdendo-se através de novos caminhos, novas buscas e finalidades traçadas a partir das narrativas memoradas e revisitadas pelos narradores/colaboradores.

Assim, com o objetivo de compreender o processo de construção da identidade negra através da história de vida e da educação, a partir das próprias histórias apresentadas por doutores (as) negros (as) que se identificam com as questões étnico-raciais, optamos encaminhar esta pesquisa através da abordagem metodológica da história oral. Destacamos a memória e a história de vida dos narradores que cursaram a Educação Básica no Brasil entre os anos de 1970 e 1990 e conseguiram concluir o curso de doutorado.

Para deliberar sobre o campo desta pesquisa, começa-se estabelecendo os critérios, que são austeridade para uma pesquisa qualitativa. Desta forma, a apreensão de narrativas considerará que na história oral todos os personagens tornam-se históricos e o seu cotidiano torna-se também um fato histórico quando garantem experiências da vida coletiva.

Meyhy (2007) chama atenção que todos os caminhos para realização e uso das entrevistas precisam ser rigorosamente combinados e aprovados entre o pesquisador e os colaboradores da pesquisa. Aplicamos a técnica de história oral de vida com intenção de coletar as contribuições, as dificuldades e as novidades trazidas, entre outros itens fundamentais para este estudo, que destaca como marco temporal o período da Educação Básica dos entrevistados.

O principal recurso da história oral é sua identificação com a “outra história”. Desta forma, a pesquisa se propõe a dar voz a uma memória que é silenciada nos espaços

4

sociais e educacionais e assim, se vale das suas narrativas visando destacar as experiências vividas por uma pessoa comum e por um coletivo do meio social, que se propõe a transformar suas experiências em documentos escritos. Com o uso da história oral de vida de negros (as) doutores (as), estaremos fortalecendo a luta pelo reconhecimento da comunidade negra, enquanto pertencente a um grupo, antes, indiferentes nas histórias que eram ou que deveriam ser reconhecidas dentro do processo civilizador configurado na sociedade brasileira.

Para percorrer esta história oral de vida, colhemos informações que estiveram presentes em todos os momentos da vida desses indivíduos e que por isso, são consideradas importantes e marcantes para serem enfatizadas enquanto referências obtidas nos espaços educacionais e sociais na construção e consolidação da identidade dessas pessoas. As falas dos colaboradores configuram-se enquanto compreensões e reinterpretações dos signos revelados por aqueles que viveram determinados fatos e que estão presentes em suas lembranças. “Lembrar é um desafio fundamental. A memória se constitui assim em artifício político-social para marcar os elementos identitários de uma comunidade”. (MEIHY, 2007, p 51).

São essas falas que se estabelecem em documento para assim, ajudar nos estudos sobre memória individual e memória coletiva. Considerando que através da história oral, é possível o surgimento do resultado das experiências vividas por uma pessoa que se compõe no coletivo. Pois, a história de um negro, é a história de vários negros presentes na sociedade brasileira.

O uso das entrevistas, enquanto fonte oral a partir da história de vida dos colaboradores é tarefa de fundamental importância na história oral e se constitui enquanto principal fonte de investigação. A importância de sua escolha nesta pesquisa se dá devido ao estudo que recorre à memória sobre a construção da identidade negra, revelando e dando sentido social a vida dos negros na educação de nosso país entre os anos de sua Educação Básica.

As entrevistas realizadas seguem uma objetividade temática para que sejam cuidadosamente focados assuntos específicos da pesquisa. Sem desconsiderar a seqüência da narrativa, os recortes serão norteadores e reveladores das intenções da pesquisa. Os temas abordados são: infância, família, amigos, escola, militância em movimento negro e produção acadêmica.

5

A partir desses temas, são destacados aspectos da infância no convívio familiar e entre os amigos da rua da praça, da igreja, da escola, ou seja: nos diversos lugares vividos e redescobertos pelas memórias; a origem e os diálogos familiares, o convívio com os colegas da escola e com as professoras da Educação Básica; a rede de amizades; a participação em movimento negro; os espaços culturais frequentados; entre outros.

Cada entrevistado destaca suas sensações a partir de suas memórias voluntárias e involuntárias. Desta forma, não há um conceito de realidade único. Lembramos de Proust (1990) que, quando rememora, analisa, reflete e reconstrói as sensações. Portanto, cada cenário e cada entrevista apresenta diferentes significados que dependem de quem olha e da experiência vivenciada. A realidade é a relação do que os sentidos recebem (sensações) e aquilo que vem com a memória.

A memória será a construção do que ficou de significativo para a pessoa entrevistada. É a sua maneira de revelar como se deu a apropriação dos acontecimentos vividos, confrontado com o seu mundo e assim, se transformando em história.

É desta forma que o (a) negro (a) doutor (a), todas as vezes que conta um relato da memória de sua história, está revelando um pouco de sua identidade individual e coletiva – o eu e o nós. De acordo com Halbwachs, (2006, p.30): “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outro, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nos vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós”.

Enfatizamos que na história oral híbrida, as entrevistas dialogam com outras fontes – como as icnográficas e as historiográficas – para aprofundar as investigações (MEIHY, 2007). Nesta pesquisa, selecionamos as seguintes fontes impressas: os materiais que foram produzidos pelos próprios colaboradores, como sua autobiografia, os livros, a tese e os artigos publicados, etc, como também, os materiais que foram produzidos sobre estas pessoas: entrevistas, reportagens, biografia, moções de agradecimentos, premiações, entre outras fontes que poderão surgir durante a pesquisa.

Os materiais expressos nos critérios estabelecidos acima (publicações e os documentos produzidos por eles e sobre eles) são analisados buscando identificar sua relevância para a temática que servirão de subsídios para o confronto entre a história contada e a construção da narrativa.

## 2. Discutindo Conceitos

Discutir o conceito de identidade é hoje, uma discussão que causa polêmica entre os acadêmicos de várias áreas das Ciências Sociais. Isto porque, possivelmente, interpretam autores como Stuart Hall (2001) e Zygmunt Bauman (2005) que destacam nessas suas obras, que a identidade é uma categoria passageira, e por isso, talvez, impossibilitada de ser aprofundada nas suas pesquisas. Neste estudo seguiremos por caminhos que entendem a identidade enquanto uma construção histórica do sujeito. Para isso, guiamo-nos pelas ideias de Elias (1994b), (1980) e (2000) e de Joaquim (2001).

Joaquim (2001, p. 54), explica a noção de identidade, dizendo que “consiste num fenômeno derivado da dialética entre um indivíduo e a sociedade” e continua destacando que os tipos de identidade são produtos socialmente determinados. Desta forma, esta identidade social é vista como algo que está relacionado aquilo que o indivíduo atribui, de forma positiva, a um grupo de referência, com o qual compartilha, satisfatoriamente, valores e tradições.

Nesta mesma direção, Elias (2000), ao escrever sobre os processos sociais vividos por dois grupos de uma comunidade, revela que um dos grupos, ao monopolizar as oportunidades de poder, marginaliza o outro, destacando a diferença e a desigualdade social. O grupo mais privilegiado socialmente, os estabelecidos, faz com que o outro, *outsiders*, reconheça sua inferioridade e se humilhe.

Para Elias (1980) a identidade é definida a partir de configurações representadas pelos indivíduos nas teias de interdependência que se formam na relação. A identidade de uma pessoa é construída socialmente através do controle de emoções do eu e do nós. “O sentido que cada um tem de sua identidade está estreitamente relacionado com as relações de nós e de eles no nosso próprio grupo e com a nossa posição dentro dessas unidades que designamos nós e eles” (p. 139).

Para compreender a identidade de um indivíduo, é preciso entender a trama de relações sociais em que este está inserido. Seu comportamento tem origem no controle externo exercido pela sociedade e também, pelo autocontrole impregnado em cada indivíduo que o diferencia do outro. Com isto, Elias (2000) chama atenção que precisamos tratar as diferenças, enquanto um problema que precisa ser entendido no

7

conjunto da sociedade, buscando o entendimento da relação de poder entre aqueles que se reconhecem no grupo dos Estabelecidos e os que estão entre os *Outsiders*. Um grupo, ao estigmatizar o outro, se coloca no centro do poder. Sua estratégia é rotular o grupo como inferior para, desta forma, manter a superioridade social. Assim, o grupo estigmatizado constrói uma autoimagem inferiorizada.

Ao longo do tempo, sofrendo na pele e na vida a inferioridade, este grupo vai criando cicatrizes e até chega a acreditar que é mesmo “tudo o que não presta”. Assim, é possível que uma criança que sempre foi estigmatizada, incorpore a inferioridade. Esta criança cresce percebendo e “sentindo na pele” o processo civilizador imposto a situação vivida pelo seu povo através do tratamento que lhe é dado, seja pela família, vizinhos, colegas, professores, policial, etc.

A imagem negativa sobre um determinado grupo, leva as pessoas a serem julgadas e tratadas negativamente. Até as próprias pessoas do grupo se julgam inferiorizadas e incapazes. Pois, o descrédito atribuído a um grupo que é inferiorizado atinge todas as pessoas que se identificam neste grupo, provocando a baixa autoestima.

Os *outsiders* que não se conhecem, não se encontram, não se fortalecem e não se identificam são constantemente marginalizados e esquecidos pela sociedade. As iniciativas de formação de grupos é um sinal de unidade entre os menos favorecidos, dando-lhe forças para unir os traços da solidariedade e assim fortalecer a construção de identidade de um grupo. Isto, ajuda os pares a resolver/amenizar os seus problemas e a se unir em busca de ideais comuns.

Diante do exposto, nosso entendimento é que o termo identidade corresponde a um conjunto de aspectos políticos e sociais, individuais e coletivos, assumido por uma pessoa. Cada indivíduo vai sendo identificado, de forma diferenciada, a partir do seu grupo de pertencimento e, desta forma, vai construindo e assumindo uma identidade e pertencimento neste grupo. Portanto, a identidade vai sendo construída e se adaptando aos grupos, aos lugares, aos costumes, as opções feitas por cada um de nós.

Para discutir sobre a construção da identidade negra não podemos separar os negros da sociedade em que vivem e constroem suas histórias. Elias (1994b) destaca que não podemos falar dos indivíduos como se fossem objetos, sem relacioná-los com o seu meio, com sua sociedade, com sua teia de interdependência e também sem que nos percebermos neste espaço de convivências. Pois, o negro está inserido neste espaço

8

social, individualmente e coletivamente, através de seu *habitus*. No Brasil, para uma discussão mais consolidada sobre esta construção, é preciso considerar as relações entre os estabelecidos e os *outsiders*, sua origem, sua função, seu contexto, sua história e a história da diáspora negra.

O referido autor chama atenção que somos indivíduos que fazemos parte dos grupos sociais: família, escola, igreja, sindicato, associações, etc. Desta forma, a sociedade só existe e se consolida por causa dos indivíduos. Porém, mesmo considerando estes aspectos, não devemos nos ancorar numa concepção egocêntrica. Somos um, entre os outros, portanto, não se pode analisar nem o indivíduo, nem a sociedade de formas isoladas.

É preciso entender a sociedade a partir das relações de interdependências do indivíduo com os seus grupos, constituindo as várias identidades de pertencimentos, sem desconsiderar as relações. As pessoas, numa relação de interdependências formam as várias configurações sociais. Um grupo de negros, por exemplo, constitui uma rede de pessoas que se unem porque se identificam com esta configuração.

Assim, acreditamos que a identidade negra é uma das configurações que a pessoa pode assumir em diferentes e/ou permanentes momentos de sua vida. Quando se assume e torna-se negro percebe-se que não só pela pele, mas, pelo o que “sofre na pele”, é preciso fortalecer o pertencimento étnico-racial. A partir deste fortalecimento, a pessoa reconhece seu pertencimento à população negra, está mais propícia a contribuir com si mesmo e com seu grupo. Sobre isso, vejamos o que diz Joaquim (2001):

Uma das manifestações de identidade social é a identidade étnica, que permite apreender a própria etnicidade e constitui a principal característica do grupo étnico. (...) O principal significado emocional de pertinência a um grupo étnico é um princípio organizador e mobilizador de interesse de grupos específicos, com isto podendo possuir uma conotação positiva. Grupos étnicos são grupos cujos membros possuem uma identidade distinta e atribuída e, ao mesmo tempo, têm, basicamente, cultura, origem e história comuns (JOAQUIM, 2001, p. 52).

De acordo com autora supracitada, a identidade da população negra, durante o período de escravidão foi “roubada” e conseqüentemente perdida a partir do momento em que se deu o “tráfico interno”, onde, tanto o seu nome, quanto a sua condição natural de ser humano lhe foi cerceada para se tornar um escravo, enquanto “objeto pertencente ao colonizador”. Retomar esta identidade perdida tem sido uma luta constante desta população negra.

9

Ao destacar o seu pertencimento, a pessoa que se auto-declara negra, tem a consciência de sua identidade e busca fortalecer politicamente nas relações coletivas. Para Joaquim (2001, p. 56): “Essa identidade daí emergente é necessária, por ser historicamente formada em uma sociedade ambígua e multifacetada. Uma identidade, ao mesmo tempo, étnica e política, não somente individual, mas também coletiva”.

Politicamente, essa dimensão de resistência pode ser verificada ao longo da história do Brasil, contada por Munanga e Gomes (2006), como na Revolta da Chibata em 1910, na organização da Frente Negra Brasileira em 1931, no surgimento do Teatro Experimental do Negro em 1944 e, entre outros, na fundação do Movimento Negro Unificado em 1978. Esses movimentos surgem, com o objetivo, entre outros, de construir e consolidar a identidade negra e para lutar contra o preconceito e a exclusão social sofrida por esta população.

Para Elias (1994a, p. 23), o conceito de civilização representa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo, como superior as sociedades mais primitivas. Remetendo esta idéia para a discussão deste texto, teremos a população não negra, no papel de superioridade diante das pessoas negras, através de um processo civilizador que busca a moralidade. A expressão: *negro*, por exemplo, é um desses conceitos consolidados pelo processo civilizador do branco europeu. Há conceitos que lança raízes e representam uma determinada sociedade devido a sua história. Neste texto – sem desconsiderar a importância de novos termos, como afro-brasileiro e afro-descendente utilizados por militantes e pesquisadores das questões étnico-raciais – utilizasse a palavra “*negro*”, considerando que é este o conceito que mais identifica esta população e que, para este estudo, já faz parte de sua identidade.

Determinados conceitos expressam a identidade de um determinado grupo e sua valorização é atribuída pelas pessoas que compõem este grupo, podendo não ter nenhum valor para quem não se identifica com esses conceitos. No entanto, se este grupo tem união e se impõe, seus valores começam a fazer parte do processo civilizador que controla e direciona as emoções de outros grupos que, pela ausência de união, não se fortalecem e ficam subordinados às imposições.

A educação, enquanto um processo de formação humana de brancos, negros, índios, amarelos, homens, mulheres, etc, pode contribuir com a valorização da população negra. Portanto, necessita de políticas, de práticas e leis que favoreçam a

10

construção da identidade e se faça presente na história de vida de cada um, enquanto uma lembrança dos prazeres redescobertos.

Autores como Gramsci (1991) e Freire (1987) apontam para a necessidade de o processo educacional voltar-se, efetivamente, para o cotidiano do educando e, com ele, reinventar, recriar e transformar sua realidade, tendo a educação e a cultura função especial e destaque no processo de transformação e inserção social.

Porém, é importante destacar que ao longo da história, conforme Brandão (2002), a cultura que hegemonizou os espaços educacionais foi à cultura dominante. Desse modo, os procedimentos que contribuem para que a educação possa se aproximar cada vez mais da realidade social, bem como o reconhecimento de procedimentos de resistência e de reinvenção do cotidiano, possa, efetivamente, contribuir com a transformação da realidade.

De acordo com Candau (2002), a educação não pode ignorar os novos e diferentes cenários da sociedade mediante os aspectos sociais, políticos e culturais que interferem no cotidiano educacional. Pois, “a cultura tem sido um dos principais pilares de construção e afirmação da identidade” (p. 31). Partindo desse entendimento, elucidamos a educação enquanto um processo dinâmico de formação do ser e que precisa estar voltado, essencialmente, para a realidade dos mesmos.

Desta forma, é possível perceber a importância da educação no processo de construção da identidade das minorias muitas vezes esquecidas. Portanto, é relevante considerar políticas públicas educacionais que provoquem mudanças no processo pedagógico para que, também, atenda aos menos favorecidos.

A perspectiva gramsciana enfatiza que o cotidiano deve ser vivenciado como elemento de resistência ao projeto hegemônico de educação na sociedade capitalista excludente. Assim, sendo possível que este cotidiano seja materializado através da construção da identidade e da cultura dos educandos secularmente discriminados e subestimados, impossibilitando sua inserção social. Esta se diferencia de uma perspectiva de manutenção do *status quo* de determinados grupos sociais.

### 3. Histórias e Memórias de Negros

Na narrativa do texto “Infância em Berlim por volta de 1900”, Benjamin (1987),

11

articula a memória individual às experiências que foram vividas coletivamente nos espaços sociais ou nos espaços familiares. São esses espaços que vão articulando a memória, através da atividade de lembrar as experiências.

As lembranças lembradas da infância do autor em Berlim são reencontradas nas lembranças das infâncias de qualquer canto do mundo por pessoas que vivem socialmente. Pois, são experiências comuns vividas por meninos e meninas, que se tornam homens e mulheres repletos de lembranças que levam a (re) construir o seu futuro.

As lembranças individuais do que foi vivido expressam sentimentos que se fazem presentes nas lembranças vividas pelo coletivo. A memória de cada um está presente na memória dos grupos sociais em que vivemos e compartilhamos emoções. É desta forma que a infância de Walter Benjamin na cidade de Berlim, torna-se a infância dos berlinenses, como também das pessoas que vivem em sociedade.

Desta forma, a infância vivida e lembrada pelos colaboradores dessa pesquisa pode vir a representar a infância da população negra espalhada pelo Brasil que também passou por experiências semelhantes as aqui narradas. Pois, o acontecimento lembrado é infinito, é recriado, é cheio de vida e de conhecimentos do antes e do depois, possibilitando associações ou outras leituras do que foi vivenciado por cada um.

Em Proust (1990), o narrador de “O Tempo Redescoberto” também lembra sua vida, destacando momentos vividos que ficaram presentes em sua memória. É a partir destas recordações que o narrador redescobre “o tempo perdido”, dando ênfase à literatura que dá sentido à vida. Uma das primeiras exigências que a leitura de Proust nos faz, é o rompimento com nossa maneira habitual de fazer leituras procurando as evidências dos fatos. Não encontramos evidências em suas leituras! Ele nos convida a desconstruir a prática de leitura comum, objetiva, e/ou evidente do mundo e nos conduz para a aprendizagem da leitura dos signos.

Para o referido autor, a leitura “nos permite descobrir o valor da vida, valor que não soubéramos apreciar” (p.29). É a partir desta leitura que vamos, nesta pesquisa, redescobrir que é importante saber ouvir e saber ver e ler os signos revelados pelos fatos narrados por nossos colaboradores. Para este autor, a memória é uma elaboração que nos leva à aprendizagem. Ao observar, construímos uma leitura diferente de quando participamos.

12

Passado e presente se articulam e se relacionam no processo narrativo a partir de dados que são articulados. As imagens se afastam do que vivemos na infância e se prende aos fatos mais recentes. Isso nos faz pensar que esquecemos algo, mas apenas estava guardado na memória. As lembranças despertaram as poesias presentes na memória e com isto redescobrir o tempo, que até então estava perdido. O tempo é o grande revelador do ser. Somos aquilo que foi, está sendo e será construindo.

Walter Benjamin, Marcel Proust e nós somos direcionados pela vida “*au temps perdu*”, ao encontro da eternidade, incorporados em nossas memórias e ao encontro da embriaguez, do esquecimento, envelhecimento das recordações. Onde há certezas e incertezas.

Assim, partindo desta discussão e entendimento sobre a memória, nos perguntamos: Que imagens nossos colaboradores, negros (as), guardam de sua infância, do convívio familiar, da vida escolar e acadêmica, dos amigos da rua, da igreja, da militância política, etc, que contribuiriam com o pertencimento, fortalecimento e auto-identificação de ser negro? E ainda, como conseguiram ressignificar suas histórias de vida?

Ao proporcionarmos o encontro entre a memória e a história vivida por negros e negras – que pela sua formação, militância e produções acadêmicas, são percebidos como referências para a discussão étnico-racial, – são rememoradas tensões e emoções do passado que faz brotar emoções e interpretações no tempo presente. É o que abordaremos a seguir, ao apresentar e discutir uma das entrevistas desta pesquisa.

Montenegro, (1994, p.149) lembra que “o início de toda entrevista deve ser marcado por uma conversa de esclarecimento com o entrevistado para que este compreenda *por que, para que e para quem* ele está registrando suas memórias”. Assim a entrevista aqui destacada, que partiu da questão relacionada às memórias do processo de construção da identidade negra, foi realizada com um Professor Doutor da UFRPE. Sua escolha para contribuição nesta pesquisa se deve devido sua participação em palestras, debates, eventos e diversas bancas de apresentação de pesquisas realizadas sobre a questão étnico-racial em nível de graduação e pós- graduação.

A narrativa destacou as tensões e emoções vivenciadas em sua história de vida através dos vários momentos registrados na memória, como: na infância, no convívio familiar, na vida escolar e acadêmica, na militância política, no movimento negro, entre

13

tantas outras situações que contribuíram com sua auto-identificação, pertencimento e concepção do que é ser negro.

Nosso colaborador compreende que começa a se relacionar com as questões étnico-raciais, indiretamente através de sua participação em movimentos populares. A participação nesses movimentos contribuiu para suas pesquisas em nível de mestrado e doutorado, o que lhe trouxe satisfação e descobrimento de si.

As reminiscências da infância revelam que mesmo pequenos, temos condições de lembrar fatos que marcam nossas vidas e que a presença efetiva e afetiva de pessoas significantes para nós, pode nos proporcionar sentimentos de saudades ou mesmo de raiva e com isto, pode nos levar a construir identidades no futuro.

Percebe a existência do racismo, ainda criança nas relações familiares. Alguns primos, que tinham a melhor condição econômica da família, considerada classe média, apresentavam fenótipos mais acentuados da população negra como o “cabelo, nariz, boca, cor, (...)”, que o nosso colaborador e que por isso, eram vítimas de comentários maldosos e preconceituosos. Esta diversidade de características físicas predominantemente da população negra e muitas vezes, a maneira como as pessoas os trata, revelam o discurso fracassado de que o racismo depende da condição social da pessoa, ressaltando que o negro com boas condições econômicas não sofre preconceito.

Poderíamos nos perguntar se a relação seria a mesma entre *outsiders* ricos e estabelecidos em situação econômica inferior. É possível ser economicamente mais favorecido e continuar sendo *Outsiders*? Para Elias (2000, p. 32), o que determina esta relação é a diferença de poder e a exclusão de grupo.

Considerando o entendimento do entrevistado sobre o que é ser negro no Brasil, encontramos que depende do lugar em que a pessoa se encontra e da cor da pele da maioria das pessoas presentes neste lugar. Dependendo dos olhares, “a cor clara do negromestiço fica mais escura”. As pessoas de pele escura mais próximas do fenótipo negro africano vivenciam mais explicitamente situações racistas. Mas segundo o entrevistado, não precisa ter essas características mais acentuadas para viver a experiência do racismo presente no âmbito educacional e social.

A negação da cultura, experiências e vida da população negra é percebida no percurso de sua educação básica em que não há registrado em sua memória nenhum momento que diretamente tenha contribuído para a construção de sua identidade. A

14

educação básica desconsidera a dimensão da experiência humana e da experiência da formação sociocultural brasileira. Mas, é possível reconhecer, de acordo com o colaborador desta narrativa, que a lei Nº 10.639/2003 é uma provocação à educação escolar, mesmo encontrando resistências para sua concretização.

Entrar na escola é um direito que a cultura afro-brasileira tem, mas para que isto aconteça, precisa haver diálogo para que a educação se abra para outra concepção de aprendizagem, de convivência e de construção da identidade de cada pessoa a partir de sua diversidade de características que encontramos no Brasil.

A entrevista revelou a construção da identidade negra a partir da história de vida de cada um. Durante sua história, o negro revela situações de preconceitos vividos individualmente e coletivamente. Porém, são essas experiências coletivas que dão unidade a população negra.

### **Considerações**

As fontes nos levam a inferir que a construção da identidade negra se efetiva durante toda a história de vida de uma pessoa, mesmo que ela não perceba estas interferências em seu desenvolvimento infantil.

As contribuições que vem de cada momento vivido, vão se configurando, se constituindo aos poucos, desde a infância, no convívio com as pessoas queridas, com as quais compartilhamos experiências memoradas e expressas através do sentimento de alegria ou mesmo, de tristeza.

O envolvimento com pessoas que tem uma mesma identificação – seja com características físicas comuns ou interesses político-sociais – apresenta contribuições para o reconhecimento de quem somos e o que queremos nesta vida. É nessa teia de interdependência que conseguimos ressignificar e redescobrir a nossa história individual e coletiva.

A educação, pertencente a uma configuração social, não tem percebido a diversidade de identidades que são construídas na sociedade. Não tem percebido a carência da população negra. Sabemos que não se pode esperar que a educação escolar sozinha se dê conta desta deficiência, porém, esta, precisa urgentemente assumir o seu

15

papel de formadora de homens e de mulheres que necessitam (re) construir suas histórias.

Desta forma, a importância do direcionamento de políticas públicas educacionais é o de subsidiar a educação para que esta encaminhe um processo de igualdade e solidariedade que favoreça as relações e ajude o educando a construir sua própria identidade. Pois, mesmo sendo no momento atual, uma temática estabelecida legalmente, o processo educacional ainda precisa avançar para uma abordagem universal sobre a história, a cultura e a valorização da identidade de todas as pessoas.

Sendo assim, os fatores referentes à qualificação das práticas pedagógicas dentro da configuração escolar que contempla o direito das pessoas a partir das diferenças reveladas por sua identidade, são elementos da própria dinâmica social, com vista à alteração da realidade em que se encontra inserida a escola.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Infância em Berlim por volta de 1900**. In \_\_\_\_\_. **Rua de mão única. Obras Escolhidas**. Volume II. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **A Imagem de Proust**. In \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

BRASIL. MEC, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, INEP. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. 2004.

CANDAU, Vera Maria. **Sociedade, educação e cultura(s)**: questões e propostas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CUNHA, Henrique Jr. **A formação de pesquisadores negros**. Acessado em 26/05/2009. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/negros/17.shtml>

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1994 a. 1 v.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1994b.

\_\_\_\_\_. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980.

\_\_\_\_\_; SCOTSON Johan L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade. RJ: Jorge Zahar. Ed, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 21<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006,

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JOAQUIM, Maria Salete. **O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra**. Rio Grande do Sul: Pallas; São Paulo: Educ, 2001.

MEIHY, J.Carlos Bom. **História oral: como fazer, como pensar**. SP: Contexto, 2007.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo, Contexto, 1994.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**, São Paulo: Global, 2006.

PAIXÃO, Marcelo; CARVANO, Luiz Marcelo. (org). **Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil: 2007-2008**. RJ: Editora Garamond, 2008.

PROUST, Marcel. **O Tempo Redescoberto**. São Paulo: Globo, 1990.